

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Braga, 12 mezes.	1\$600
6 " " "	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Anuncios cada linha.	20
Repetição	10

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Provincias, 12 mezes.	2\$600
6 " " "	1\$050
sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 967

BRAGA

SABBADO 2 DE AGOSTO DE 1879

As reformas da instrucção secundaria.

(AO CORRER DA PENNA)

II

Os ultimos regulamentos dos lyceus e os decretos e portarias, que em parte os tem alterado, parecem feitos muito de proposito para afugentarem de semilhan-tes estabelecimentos publicos a classe estu- diosa: tal e o absurdo de quasi todas as suas disposições!

Taes regulamentos só podem ser de- fendidos, se é que os governos, que os tem decretado, tiverem em vista ensinar o systema dos cursos livres. Talvez pre- tendam inutilisar por algum tempo os ly- ceus nacionaes, para que possam con- cluir, que a instrucção secundaria progridi- ra, ainda que sejam suprimidos, como progre- dio durante o periodo, em que vigoravam dis- posições regulamentares, que afugentavam dos lyceus aquelles, que em seu seio a procuravam.

Se não é este o movel dos governos e das suas juntas consultivas, não sabe- mos como explicar o seu procedimen- to, que será altamente reprehensivel, e prova clara e manifesta, de que nada sa- bem em materia de organização de ensino secundario.

De envolta com taes disposições, que obrigam a abandonar os lyceus, outras ha, cuja defeza é por igual impossivel.

Julgou-se da maxima conveniencia cer- cear as attribuições do professorado de cada lyceu, recusando-lhe o direito de examinar seus alumnos e decretando se a nomeação de comissões ambulantes. Qual o motivo, que occasionou esta reforma? seria a benevolencia demasiada, que o pro- fessor dispensava ao discipulo no exame final? seria a consideração, de que as in- fluencias locais teriam seu imperio sobre o animo dos julgadores, que haviam tra- vado relações pessoas com os mandan- tes politicos? ou seria o grande interesse de facilitar a instrucção e ao mesmo tem- po levantar seu nivel, mandando homens competentes a todos os districtos admi- nistrativos para examinarem a mocidade estudiosa?

Fosse muito embora motivada a crea- ção de taes comissões por qualquer ou por todas as razões, que acabamos de expor. O que é indubitavel é que a in- disciplina escolar entrou simultaneamente e pela mesma porta pela qual entraram as comissões ambulantes. O alumno do lyceu principiou a ver somente comissio- nados e não professores, e pouco se im- porta com o estudo durante o anno lectivo, interessando-se somente em estudar por alguns dias proximos aos exames. E, d'esta arte, nem ha *madureza* no estudo, nem esperança no que se sabe, mas somente confiança no acaso, que póde favorecer du- rante alguns minutos d'um exame.

O que é indubitavel é que, se o pro- fessorado examina e commetta abusos, es- tes subsistiram, sendo certo que o Esta- do foi sobrecarregado com uma despesa de dezenas de contos, sem que a moralidade lucrasse e a instrucção se elevasse acima do baixo nivel, em que se achava.

Ha considerações d'uma força irresistivel, que condemnas as celebres commis- sões ambulantes.

Perguntamos: se o professor tem di- gnidade para cumprir com os deveres do

magisterio, porque é que lhe faltará quando se arvora juiz?

Se o professor d'um curso superior é juiz recto quando julga seus alumnos, por que motivo é negada a inteireza ao pro- fessor da instrucção preparatoria quando se assenta na cadeira de julgador?

Se os professores são accessiveis ás influencias locais, porque razão estarão exemptos de praga tam damninha os que veem de diferentes terras? Ignorará, tal- vez, o legislador que, ao serem publica- dos os nomes dos comissionados, se des- envolve a mania das recommendações par- ticulares?

Atabem com as comissões e o en- sino não soffrerá, se houver uma inspec- ção rigosa e um castigo indeclinavel sobre os que prevaricarem quando a lei os con- stituir juizes das habilitações scientificas dos examinandos!

Dizia um sabio e antigo professor de um lyceu nacional: procuram reformar a instrucção, decretando e regulamentando disciplinas; nada se consegue, dizia elle, moralisem o professorado e eis aqui a chave do problema.

Somos da mesma opinião isem que- rermos aceitar em toda a extensão o máu conceito, que se fórma sobre a moralidade do professorado.

O correspondente de Braga para o «Primeiro de Janeiro» dizia em sua cor- respondencia de 30 de julho:

«Consta-nos, que o «Commercio do Minho» vai deixar de ser o órgão do partido legitimista d'esta cidade, resolen- do o centro crear para esse fim um novo jornal. Por este motivo, dizem-nos que já dois dos seus redactores deixaram de fazer parte da redacção».

Aqui ha pelo menos duas inexactidões, que vimos desde já esclarecer e corrigir, para que seja mantida a verdade e soffra seu correctivo a leviandade do correspon- dente da muito lida folha do Porto. Acre- ditamos, que fôra facil em dar credito a boatos infundados; não queremos sup- por, que fôsse mal-intencionado, para prejudicar um jornal, que, se é seu adver- sario em politica, é adversario leal e de- coroso.

O «Commercio do Minho» não vai deixar de ser o órgão do partido legiti- mista d'esta cidade, porque nunca foi jornal official nem semi-official de tão nobre partido. Nunca d'elle recebeu imposições; apenas tem procurado inspirar-se nos in- teresses do partido legitimista da locali- dade, que é parte da grande familia realista.

Foi sempre em politica denodado cam- peão da legitimidade. E' e será sempre indefesso lidador de todos os principios d'ella.

A prova evidente do nosso asserto está em os nomes dos seus redactores d'hoje e dos que foram, cujas tradições realistas ninguem de boa fé poderá con- testar. E tão profundas são as convicções dos actuaes redactores, que não é licito duvidar da sua inabalavel permanencia em seus principios politicos.

Não esquece, porém, nem esquecerá os interesses do partido legitimista d'esta cidade; tem estado a seu lado e se man- terá sempre no mesmo posto, porque os principios do nobre partido, cuja causa defende, devem ser identicos em toda a parte. Não foi, nem é órgão do par- tido legitimista de Braga, é seu defensor dedicado e sel-o ha sempre, ainda que te-

nhá de soffrer amargas provações, que seus adversarios politicos tentem prepa- rar-lhe.

O «Commercio do Minho» não tem de lamentar a *retrada de dois de seus redactores*: os seus redactores são sómen- te aquelles, cujos nomes se lêem no alto do jornal legitimista. Mudou de director, mas quem domina as ideias d'esta folha, quem representa e defende o seu credo, são os seus redactores, auxiliados por aquelles, que se comprometteram a nunca trahir suas tradições.

Apressámo-nos em restabelecer a ver- dade, porque julgámos rigoroso dever ob- star sem demora a equívocos, com que poderiam lucrar os adversarios das ideias do nosso jornal e os inimigos dos interes- ses da empresa, que se empenha no triumpho completo da causa da legiti- midade e do catholicismo.

Harmonia entre a religião e a sciencia.

O nosso Santissimo Padre o Papa Leão XIII, com a auctoridade da sua posição e do seu saber, compendia na seguinte carta a doutrina catholica ácerca do ac- cordo entre a sciencia e a fé.

Com o nosso collega da «Esperança» recommendamos a leitura d'este precioso documento:

«Ao nosso muito querido filho Francisco Moigno, conego de S. Dionisio».

LEÃO XIII, PAPA

Querido filho: Saude e Benção Apostolica.

Não era possivel, querido filho, que o sapientissimo Auctor da ordem physica e sobrenatural, deixasse de combinar as sciencias das coisas visiveis, com o conheci- mento das verdades por elle reveladas, de modo que o homem fosse levado pelas obras visiveis ao conhecimento do invisivel. Por esse motivo, assim como é lou- vavel revelar e confessar as obras de Deus, é completamente digno de recommenda- ção aquelle que emprehe de a tarefa de expor e fazer que brilha essa admiravel ordem de cousas.

Porém, o que sempre é util, tornou- se agora absolutamente necessario, atten- dendo ao orgulho dos tempos modernos que, repetindo o antiquissimo grito da in- surreição «Non serviam» e com o fim de prescindir de Deus nas cousas humanas, despreza a sua soberania, blasphema da sua magestade e volta impiamente contra Elle, tudo o que d'Elle recebeu genero- samente.

Torna isto muito rude e difficil a tua nobre empresa, que exige em quem a commette solido e vasto saber, não só das cousas sagradas, mas tambem das phy- sicas, e leitura das innumeradas obras es- critas em diversas linguas, ás quaes se tem ido buscar os sophismas antigos e modernos que se oppõem á ordem divina, e, por ultimo, á iniciação nos progressos quotidianos das sciencias naturaes, que, com a sua luz dissipam as trevas.

Enviamos-te, pois, as nossas felicita- ções porque, após largo e tenaz trabalho, consagrado a aprender e a ensinar as sciencias philosophicas e theologicas, te dedicastes com tal ordem ás sciencias physicas que, na exposição e illustração de todas ellas mereceste a gloria de ser chamado publicamente seu promotor.

Estas qualidades, poucas vezes reuni- das, em uma só pessoa, além de conci- liarem, entre os amigos da verdade, gran-

de auctoridade á tua sabia e laboriosa obra—*Os Esplendores da Fé*—impedirão aos que a odeiam regeitar esses livros com um desprezo, que não póde tocar a quem tracta com habilidade e justiça materia tão variada, tão grave e difficil.

A Providencia, que tudo abrange de um extremo a outro, e que suavemente dispõe de tudo, deu-te em dote um espi- rito penetrante e docil, reunido a uma te- naz e fiel memoria, que te faz conhecer a questão e observar a desde que a tens comprehendido.

Ao mesmo tempo concedeu-te um amor imperturbavel e insaciavel á sciencia, que á tua penetração espontaneamente apre- senta todos os elementos que necessitas reunir para redigir uma obra de tão varia- da natureza.

Finalmente multiplicar as occasiões pa- ra fazer investigações especiaes relativas ás causas physicas obriga a tratá-las de modo, que aproveitem ao progresso da sciencia e á gloria e defesa da Reli- gião.

E como o reunir e redigir os ma- teriaes adquiridos durante toda a vida exi- ge um longo trabalho, conserva a tua pessoa n'um estado tão vigoroso de corpo como de espirito, de tal modo capaz de supportar as fadigas de um trabalho tão constante e longo, que faz crer que rece- bestes a missão especial de dar á luz esta obra.

Isto, além de Nos levar a felicitar-te novamente, faz-Nos esperar não pequena utilidade da tua obra tão solida e real, que por tantos cuidados Nos privam de a apreciar por Nós mesmos.

O rigor da sua logica e a sua erudi- ção, não obstante o caracter proprio da obra e a admiração publica, que o feste- ja, foi para Nós agradável e apreciavel ho- menagem.

Recebe, portanto, este testemunho de gratidão, e os votos que fazemos pelo bom exito de um trabalho de tanta tran- scendencia, penhor que tens na Benção apostolica que affectuosamente te damos, querido filho, como prova da Nossa pa- ternal benevolencia.

Dado em Roma, em S. Pedro, a 3 de julho de 1879, segundo do nosso pontifi- cado.

LEÃO PAPA XIII.

Portugal e as nações da Europa.

Dolorosas provações tem soffrido a Igreja.

A voz de Lutheru renegavam o cat- holicismo, a Inglaterra, a Hollanda, a Suecia, a Dinamarca e Alemanha, no se- culo XVI.

No seculo XVIII teve lugar em França a grande revolução politica e social que abalou a Europa inteira.

Leis, crenças, instituições, costumes, tudo foi condemnado como resto da ty- rannia e superstição.

Luiz XVI subiu ao patibulo, e a re- volução derramou o sangue do povo nos carnificinas de Robespierre e Saint Just.

Não foram só esses tempos de crimes e da mais desbragada corrupção, foram tambem de luto para a Igreja.

A França que havia vencido o ari- nismo com a conversão de Clovis, re- pellido o islamismo com a espada de Car- los Martel, e tido grande parte nas guer- ras da civilização christã contra a barba- rie musulmana nas cruzadas, perdeu a fé religiosa.

Condemnou o sacerdote do Senhor a esperar nos carcereiros o supplicio do ca-

